
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A CRÍTICA DE AFRÂNIO COUTINHO, DA TEORIA À PRÁTICA: O CASO MACHADO DE ASSIS

Bernardo Nascimento de Amorim (UFMG)
bedeamorim@hotmail.com

RESUMO: Minha proposta é realizar uma análise dos dois principais textos de Afrânio Coutinho sobre Machado de Assis, observando em que a posição do autor se modifica, entre um e outro, em decorrência da aquisição de um novo arsenal de conceitos a respeito da crítica literária. Em concomitância com a referida análise, pretendo destacar tais conceitos, bem como a ausência deles, indicando a sua importância para a renovação das teorias que Coutinho iria defender ao longo da maior parte de sua carreira.

PALAVRAS-CHAVE: Afrânio Coutinho; crítica literária; Machado de Assis.

1. Entre *A filosofia de Machado de Assis*, cuja primeira edição é de 1940, e *Machado de Assis na literatura brasileira*, publicado duas décadas depois, a transformação da crítica de Afrânio Coutinho se mostra evidente. Sem dúvida, ela teria muito a dever ao exílio do autor nos Estados Unidos, entre 1942 e 1947. Foi em Nova York que Coutinho esteve em contato com o que então se apresentava como um movimento inovador, o *new criticism*, o qual influenciaria sobremaneira a sua atividade posterior, como teórico e crítico literário. As modificações então levadas a cabo não impediriam, entretanto, que algo do livro de 1940 fosse incorporado ao de 1960, sem maiores alterações, e mesmo que houvesse uma segunda edição do texto, já em 1959, em *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Tem-se, aqui, um intervalo importante na carreira do autor, o qual se pode pensar que seja propício para se confrontar algumas de suas percepções teóricas, a respeito da crítica, e o seu exercício em termos práticos, do qual Machado de Assis seria um dos objetos privilegiados. Observar o que se mantém e o que se modifica, na perspectiva que o embasa e na atuação como crítico de Coutinho, é o que me proponho, a seguir, detendo-me na análise da primeira edição de *A filosofia de Machado de Assis* e da segunda de *Machado de Assis na literatura brasileira* (1966), pensados à luz dos conceitos do autor a respeito da crítica, expostos ao longo de toda a sua vida.

2. Desde as páginas iniciais do primeiro livro fica muito clara a posição humanista que Afrânio Coutinho esposa, defendendo-a contra o que julga serem os erros de seu tempo, cujo grande momento de inflexão seria o ano de 1930, a partir do qual toda a sociedade brasileira passaria a viver sob os signos do nacional e do político. Contra o nacionalismo exacerbado, o autor defende a ideia de que a “humanidade está acima das nações” (Coutinho 1940: 14). Contra a “hipertrofia do político”, que favoreceria a separação dos homens em partidos, dotados de uma “mentalidade totalitária”, defende-se a “simpatia humana” (Coutinho 1940: 15), que deveria levar a que se conjugasse a reabilitação “do senso poético da existência” e uma “pesquisa desinteressada da verdade” (Coutinho 1940: 18). É bastante ilustrativo da posição do autor, indicando qual imagina ser a sua função como intelectual, o parágrafo seguinte:

É esta a nossa tarefa urgente e será a nossa mensagem: Humanismo; defender o Homem, restabelecer a confiança no Homem, repor o Homem no centro da sociedade; criar uma civilização em que o Homem seja a medida de tudo e que todas as coisas sejam orientadas em seu benefício; aperfeiçoar sempre o Homem, e humanizar a vida, a cultura, a sociedade. (Coutinho 1940: 18)

A partir de uma postura como esta, o que Coutinho encara como sendo a sua “crítica interpretativa” (1940: 25), não propriamente da obra de Machado de Assis, mas do “mistério machadiano” (Coutinho 1940: 62), deveria enfrentar um grande desafio. O que acontece é que, para o próprio intérprete, a visão de mundo de Machado seria marcada por uma forte negatividade, por um olhar fundamentalmente pessimista a respeito do homem e da vida. O que se veria, no universo ficcional do autor, seria “uma humanidade torpe, incapaz de grandeza” (Coutinho 1940: 163). Sua obra seria um grande “inventário de ridículo humano” (Coutinho 1940: 163). Em determinado momento do texto, em que Coutinho tem em vista os *leit-motivs* do criador de *Quincas Borba*, destaca-se a dimensão que assume, aí, o egoísmo, como mola propulsora de toda a ação humana. Segundo o crítico, para Machado, “o egoísmo é o fundo do homem”, exigindo as relações sociais “uma máscara de mentira e hipocrisia” (Coutinho 1940: 157).

Afrânio Coutinho, todavia, não pretende fazer uma crítica “apologética ou de reabilitação” (Coutinho 1940: 25), tendo em mente a necessidade de preservar tanto a objetividade como a imparcialidade. Neste ponto, o autor elenca alguns dos críticos que, como Charles Du Bos (1882-1939), poderiam servir de exemplo ao que se propõe a realizar, críticos que, apesar de fazerem, como ele, parte do “movimento intelectual cristão contemporâneo” (Coutinho 1940: 29), não cometeriam o equívoco de confundir literatura e religião. Desenha-se, aí, a concepção que Coutinho tem sobre o ofício e a finalidade da crítica. Para ele, a esta altura, esta seria “uma recriação da obra de arte no espírito do público, um estimulante ou revelador dos elementos vivos que enriquecerão ou nutrirão o leitor”, sendo seu ofício “o de ver claro e o de fazer ver claro” (Coutinho 1940: 31).

Restaria, então, de acordo com o propósito do autor, explicar a origem da visão, ou “o sentido da concepção da vida de Machado” (Coutinho 1940: 49), o que se faria com uma investigação concentrada em dois aspectos, os quais orientam a divisão do texto de Coutinho em dois capítulos. O primeiro deles, seguramente, é o que mais se distancia da perspectiva crítica que o autor abraçaria posteriormente, já que se trata da adesão a um viés determinista, não muito diferente do que se prezava no século dezenove, quando era comum a busca da gênese dos motivos de uma obra nas circunstâncias da vida do seu criador. Embasando-se em Daniel-Rops (1901-1965), a cujo pensamento se dedicara em seu primeiro livro, *Daniel-Rops e a ânsia do sentido novo da existência* (1935), Coutinho acredita mesmo na necessidade, para a realização da crítica, de ir além da produção literária, recolocando o autor “em seu plano de vida”, de modo a se poder penetrar no “fundo obscuro da consciência, onde inteligência, sensibilidade, intuição, recordações e fé metafísica se misturam para criar a inspiração” (Coutinho 1940: 32).

Com efeito, é isto o que Coutinho faz no capítulo que intitula “Definição, gênese e fatores da atitude de Machado em face da vida”, o qual se orienta pela crença de que o caráter do autor pode explicar a sua obra. A atitude a que se refere o título teria como cerne o pessimismo de Machado de Assis, o qual, ao contrário do que teria feito Sílvio Romero, não se julga “uma aquisição intelectual pura, mas um sentimento íntimo” (Coutinho 1940: 53). O foco faz com que se realce o que o crítico considera como a “incapacidade espiritual” do romancista, que se ligaria a certos “tenebrosos ressentimentos íntimos” (Coutinho 1940: 53). A ideia de que Machado seria um homem ressentido ganha, efetivamente, bastante relevo. Tratar-se-ia de um traço fundamental de sua “fisionomia espiritual” (Coutinho 1940: 62), que informaria o seu desejo de se vingar da vida, a qual lhe teria sido “madrasta” (Coutinho 1940: 87), marcando-o com a doença, a epilepsia (além da gagueira), e fazendo-o nascer mestiço e pobre.

É neste capítulo que Coutinho se dedica longamente a descrever a psicologia do mestiço brasileiro, lançando mão de ideias que hoje parecem as mais absurdas, assentadas em preconceitos de classe e etnia que dificilmente se podem desculpar. Neste ponto, de fato, só se pode lamentar equívocos como o que leva o autor a acreditar na “admirável [...] facilidade de acesso que a sociedade brasileira” contemporânea favoreceria “às classes inferiores”, ou a falar em uma “defeituosa e falha psicologia do mestiço, consequência do seu desejo de subir e dos resíduos da escravidão” (Coutinho 1940: 78). Torna-se claro, em contrapartida, o seu acerto ao deixar de lado a investigação no terreno da psicologia social, nos trabalhos posteriores, em acordo com uma concepção mais restrita do que seria a crítica literária.

O segundo capítulo do livro, do ponto de vista desta concepção, apresenta, sem dúvida, menos problemas, pois o centro passam a ser as leituras de Machado de Assis, observáveis a partir de sua obra. As afinidades, agora, são buscadas em um plano que o próprio Coutinho associa aos interesses da Literatura Comparada, no estado em que se encontrava à época, quando a investigação de fontes ocupava um lugar de destaque. O crítico havia tido o cuidado de refletir sobre a questão da influência,

antes mesmo de abrir os seus dois capítulos, em um dos poucos segmentos que preservou quando da edição de *Machado de Assis na literatura brasileira*. É aí que ele afirmara não haver “originalidade absoluta em literatura” (Coutinho 1940: 40), raciocínio que se reforça com a crença de que “a influência jamais constituiu motivo de inferioridade” (Coutinho 1940: 38). No caso de Machado, ainda há a preocupação de indicar que se trata do tipo mais legítimo de influência, aquela que “é antes um encontro do que uma filiação”, encontro que reforça, cristaliza, canaliza, orienta e dá força de expressão a um estado de espírito já existente de modo latente (Coutinho 1940: 40).

No capítulo “A formação filosófica”, para além da explicação de ordem genética a respeito do que poderia ter estado latente no espírito do mestiço Machado de Assis, Coutinho destaca a relação entre, sobretudo, a obra madura do autor, e um certo “gosto moralizante” (Coutinho 1940: 101) do século dezessete, o século de Pascal, que o levaria a reunir a “preocupação da análise psicológica” à “intenção racional de compreender o mundo”, aliando, ainda, a estes elementos, algumas “qualidades gerais do gênio clássico”, como o “senso da medida”, o respeito a “regras, freios e limitações” (Coutinho 1940: 103). Aqui se completaria um esquema que já havia sido esboçado nas páginas introdutórias do livro, quando Coutinho falara sobre a relação complementar, na obra de Machado, entre o “espírito universal” e a “massa regional” (Coutinho 1940: 19). Se o primeiro capítulo havia sido dedicado a investigar a impregnação de certos problemas tipicamente brasileiros na psique do ficcionista, ecoando a decantada ideia da existência de um “instinto de nacionalidade” (Assis 1938: 133), de que o próprio Machado havia falado, o segundo se destinaria a indicar o “gosto do universal e permanente detrás do transitório e do local” (Coutinho 1940: 103).

Grande parte desta seção do livro se propõe a mostrar as afinidades entre a filosofia de Pascal e o pessimismo de Machado, que se assentaria sobre uma “concepção jansenista da vida” (Coutinho 1940: 144). Coutinho chega a afirmar que o “homem de Machado é o homem de Pascal”, com a diferença de que, para o primeiro, não haveria a redenção transcendente em que o outro acreditaria. Enquanto que, no filósofo francês, o pessimismo teria a sua contrapartida em um “ardente desejo de absoluto”, na “esperança torturante de cura das misérias humanas pelo socorro divino” (Coutinho 1940: 136), no romancista brasileiro, o gosto pela “análise de caracteres, estados de alma e temperamentos individuais” (Coutinho 1940: 101) – próprio do século de Pascal, próprio mesmo do humanismo, cujo foco de interesse seria o homem – acabaria por levá-lo a um extremo pernicioso. Aqui, anular-se-ia um necessário equilíbrio interior, equilíbrio que Coutinho, em certo ponto do texto, revelando suas próprias posições, acredita encontrar no “humanismo cristão”, ou, mais contemporaneamente, no “neo-humanismo de Jacques Maritain [1882-1973] e outros escritores”, segundo o qual a “civilização deve ser entendida como uma arte de viver no mundo”, tendo o homem “o dever de procurar, por todos os meios ao alcance da sua inteligência, aperfeiçoá-la e torná-la [a civilização] mais acessível ao maior número” (Coutinho 1940: 140). Sem aquele equilíbrio, com a “falta de saúde espiritual” (Coutinho 1940: 168) que o caracterizaria, restaria a Machado um irremediável pessimismo, a melan-

colia, o ódio à vida, com os quais teceria a sua “filosofia para mortos, ou para o mundo dos mortos, para cemitérios” (Coutinho 1940: 141).

Ao final do volume, quando comenta a última obra de Machado, *Memorial de Aires*, Coutinho indica notar uma sensível diferença, em relação aos outros textos da fase madura do escritor. Neste ponto é que o crítico destaca o que entende ser uma “reconciliação com a vida” (Coutinho 1940: 194), observando o *Memorial* como o melhor exemplo da conversão do autor à humanidade, quando se tornaria possível ver, em sua obra, “a vitória da vida”, a revelação de sua outra face, em que ressalta “a bondade humana e a alegria de viver” (Coutinho 1940: 195).

Da perspectiva que leva a se destacar a importância do *Memorial de Aires*, no fechamento do texto, poder-se-ia esperar um juízo que tivesse este último livro como o melhor de todos quantos escrevera o seu autor. Coutinho afirma que o *Memorial* é que representa “a revanche da poesia perene, que parte das fontes da vida e para lá conduz o homem”, sendo poesia “vitalizante e humanizadora”, “que jamais consente a completa perda do homem, a sua definitiva deshumanização” (Coutinho 1940: 23). Tal juízo, entretanto, não se confirma, pois o lugar de melhor obra o crítico reserva ao *Dom Casmurro*, em suas palavras, “com certeza”, a “maior obra prima [de Machado], a de maior unidade de concepção e realização, a de maior poesia” (Coutinho 1940: 177). Nota-se, aí, que a perspectiva humanista de Coutinho não se sobrepunha de todo à atenção, ainda incipiente, sobre aspectos que, mais tarde, ocupariam o primeiro plano em sua concepção da crítica.

Em que pese a isto, vê-se, com o andamento dado ao seu exercício exegético, que a tendência do autor, a esta altura, é mesmo ter em vista, como ele próprio diz, a literatura como “interpretação do mistério humano”, mais do que como “um simples arranjo técnico de palavras e imagens harmoniosas” (Coutinho 1940: 24). É, efetivamente, sob a luz desta concepção que se devem entender alguns dos seus comentários introdutórios, quando fala sobre o aspecto positivo, de fundo humanista, que haveria por detrás da “aparência de ceticismo e de humor”, da “roupagem exterior” (Coutinho 1940: 21) da obra de Machado. Esta, de fato, seria toda ela exemplar, em um momento de crise, como julga Coutinho ser aquele em que vive, porque seria “uma lição estupenda de primazia das forças da inteligência, de supremacia do espírito sobre a matéria” (Coutinho 1940: 21), testemunho de uma “fé na inteligência” que, por paradoxal que pudesse parecer, devido ao seu pessimismo, acabaria sendo um testemunho “de confiança no homem” (Coutinho 1940: 22). No final das contas, o que se quer dizer é que haveria, em Machado, uma superação das tendências mórbidas pela própria prática artística, pelo que Coutinho entende ser o seu amor à arte, responsável por salvar a humanidade do autor: “Mas uma coisa o salva: a Arte” (Coutinho 1940: 193). Fica evidente, então, que, para o crítico, não haveria uma solução de continuidade entre obras como as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ou o *Dom Casmurro*, e o *Memorial de Aires*.

3. *Machado de Assis na literatura brasileira*, cuja segunda edição foi a que pude consultar, apresenta-se não apenas como um trabalho de interpretação sobre a obra do ficcionista, mas como “uma tentativa de síntese” acerca do estado da crítica a res-

peito do autor, até aquele momento, e de situação de sua obra “na história literária brasileira” (Coutinho 1966: 7). Como ficou sugerido acima, o momento da carreira de Coutinho é já bem outro, em relação àquele que o viu escrever e publicar o seu primeiro mergulho na produção do criador do *Quincas Borba*. De volta dos Estados Unidos, o autor procurava defender o que chamava de “uma crítica de orientação estética” (Coutinho 1968: 7). Na primeira parte de *Por uma crítica estética* (1953), intitulada “O conceito aristotélico da literatura e da crítica”, fica bem clara a sua nova concepção, quando diz: “E a crítica constituirá uma análise e uma avaliação da obra literária como obra de arte, o centro de interesse sendo a obra em si mesma, em seu valor intrínseco, em sua intimidade artística. [...] A obra é o centro da preocupação crítica, e a obra em sua característica estético-literária” (Coutinho 1968: 17).

Trata-se, aqui, da crítica que então era exercida pelo que o autor chama de “escolas ‘formalistas’ ou ‘estruturalistas’”, que procuravam se distanciar, em particular, da “crítica normativa e genética de outros tempos” (Coutinho 1968: 23-24). Desde logo, revela-se a distância que deveria separar o Coutinho desta época do mesmo Coutinho de 1940. O autor, com efeito, está a falar de uma crítica que repudia o que ele próprio havia feito, sobretudo, no capítulo primeiro de *A filosofia de Machado de Assis*. O crítico, agora, filia-se a tendências que desejam se livrar tanto “da psicologia, em que se resumem todos os estudos da personalidade do autor”, quanto da sociologia, debruçada sobre o “meio social e econômico” (Coutinho 1968: 24) do escritor.

Ainda em *Por uma crítica estética*, ressalta a condenação dos “críticos sociológicos”, que “esqueceram ou não compreenderam que as relações entre a literatura e a sociedade não podem ser vistas senão em termos de *influência*, jamais como nexos de determinação” (Coutinho 1968: 15). Já em determinada passagem de *Machado de Assis na literatura brasileira*, fala-se que devem ter havido “causas profundas” da visão de mundo do autor, mas, se estas podem ser objeto de uma “crítica psicológica”, não o podem ser de uma crítica literária, a qual “apenas cumpre investigar se o autor foi [bem] sucedido [...] em dar realização artística à sua visão da realidade” (Coutinho 1966: 54). A contradição com a vontade de *determinar* a gênese e os fatores, ou seja, as causas, sociais e psicológicas, “da atitude de Machado em face da vida” (Coutinho 1940: 45), não poderia ser mais evidente.

No livro em questão, Coutinho procurará adotar os novos critérios, novos métodos e técnicas nos quais passara a acreditar. No início mesmo do texto, indica-se a singularidade de Machado em relação ao seu meio. O romancista, tido como o “maior e mais completo homem de letras do Brasil”, seria um bom exemplo da negação de “postulados do determinismo biológico, social e econômico” (Coutinho 1966: 9). Estes postulados, o crítico, agora, buscará substituir por uma visada que privilegie os aspectos técnicos do trabalho de arte, os quais, não raro, aparecem como ligados a certas “leis da arte literária” (Coutinho 1966: 9), estudadas e refletidas pelo ficcionista carioca, marcado por uma estética de “cunho clássico” (Coutinho 1966: 17), por um “justo meio clássico” (Coutinho 1966: 9), que lhe teria permitido conferir universalidade ao tratamento do “espírito brasileiro” (Coutinho 1966: 11).

Quanto à posição do escritor, na literatura do Brasil, é patente como é vista em uma relação de continuidade à obra de José de Alencar, o qual também já teria sabido reunir o “ponto de vista técnico” e o “elemento ou conteúdo nacional” (Coutinho 1966: 10). Partindo do ponto em que o autor de *Iracema* teria parado, Machado seria aquele que estabelece “a ficção brasileira de modo definitivo”, conjugando a clareza a respeito de aspectos formais da criação artística, como a concepção e a estrutura, ao desejo de “traduzir o ‘instinto de nacionalidade’” (Coutinho 1966: 11).

De modo geral, a posição de Coutinho, no livro, parecerá estar em acordo com os pressupostos que vinha defendendo, no campo das teorias literárias, no que diz respeito à ideia de crítica. Quando ressalta a singularidade de Machado, o autor lança mão de conceitos como o de “romance psicológico”, centrado no “estudo dos caracteres”, contraposto ao “romance de costumes”, pensando, por outro lado, nos estilos de época, ao dizer que o ficcionista teria tido o “dom da conciliação entre o romântico e o naturalista”, por conta de seu “credo clássico”, que lhe teria permitido, inclusive, “escapar dos rigores das escolas” (Coutinho 1966: 27).

Coutinho entende que Machado tem mesmo um método próprio, que se iria tornando maduro com o tempo e as experiências práticas, dentre as quais se destaca o trabalho com os contos, para o crítico, “o laboratório mais fecundo de suas experimentações” (Coutinho 1966: 19). A ideia de maturação servirá de chave para a discussão sobre as duas fases da obra do romancista. Neste ponto, Coutinho faz uso de um termo que já havia aparecido no livro de 1940. Então, o vocábulo em questão, *latência*, era usado para explicar, sobretudo, aquilo que faria parte da “fisionomia espiritual” (Coutinho 1940: 62) de Machado, vindo à tona a partir da identificação com outros escritores, como Pascal. Agora, sem que se despreze a sua aplicação anterior, como se verá, o termo poderá ser usado, também, para levar a outros lugares. O que se procura mostrar é que, nos romances da primeira fase, “encontram-se em germe recursos técnicos e estilísticos posteriormente desenvolvidos e apurados”, recursos como “a introspecção”, o tratamento “alinear da intriga”, o “monólogo interior”, “a penetração psicológica” (Coutinho 1966: 15-16), todos eles essenciais para a compreensão do método do escritor.

Este último constituirá um segmento importante, no seio do livro, o qual aparece sob o nome “O método de contar histórias”. É aí, com efeito, que Coutinho põe em prática o estudo do que parece entender como os elementos que diriam respeito mais diretamente à “natureza da ficção como forma de arte”, elementos “envolvidos na estruturação de uma peça de ficção”, dos quais Machado, como “*craftmanship*” (Coutinho 1966: 67), seria um profundo conhecedor. Fala-se de “ponto de vista” (Coutinho 1966: 69), da “apresentação dos personagens” (Coutinho 1966: 73), de “enredo e ordem da narrativa” (Coutinho 1966: 75), do “manejo do tempo” (Coutinho 1966: 77), da “expressão”, concernente à “técnica da linguagem e do estilo” (Coutinho 1966: 80), e da “temática machadiana” (Coutinho 1966: 83). De tudo isto, talvez mereça destaque o que o crítico chama de a “tendência dramática de Machado” (Coutinho 1966: 74), observável em seu gosto por fugir do descritivo e no modo como trata os personagens, privilegiando “a sua revelação [...] por meio de seus pró-

prios atos e palavras, pelas palavras e relatos de outras personagens, por diálogos ou monólogos” (Coutinho 1966: 73), além do suposto caráter impressionista de sua prosa, marcada por um “tom sugestivo” (Coutinho 1966: 78), que qualificaria o seu “realismo impressionista” (Coutinho 1966: 79), e do evidente maior interesse pela “análise psicológica” do que pela “trama entre fatos e pessoas” (Coutinho 1966: 78).

Do ponto de vista do escopo deste artigo, é preciso ressaltar, entretanto, que a concentração na observação dos aspectos ditos técnicos do trabalho literário não impediria que alguns dos matizes da perspectiva que Coutinho manifestara, no início da carreira, ainda se mostrassem presentes, vinte anos depois. Isto parece, em grande parte, dever-se à consideração que ainda mantém o crítico interessado na “personalidade artística” (Coutinho 1966: 107) do escritor. É curioso observar que, quando da explicação sobre a maturidade de Machado, embora haja a intenção de ressaltar os aspectos técnicos, Coutinho fala em “plenitude [...] da personalidade”, ou em “maturidade espiritual” (Coutinho 1966: 26). Ao pensar na “fórmula definitiva” da obra do ficcionista, o crítico não deixa de se referir ao seu “mistério” (Coutinho 1966: 26), como fizera no texto de 1940. Parte deste mistério, efetivamente, continua sendo atribuído a fatores de “natureza psicológica e constitucional, social e cultural”, que se relacionam, em trecho do texto mais velho, que o autor cita, à “consciência da inferioridade física pela doença” e à “constituição psicológica semi-anormal” (Coutinho 1966: 14).

A mesma orientação embasa a preservação da parte do texto antigo sobre as influências eruditas, com o uso do termo latência para se referir ao que faria parte do “temperamento” do escritor, o qual se pensa, aliás, como sendo “eminentemente brasileiro” (Coutinho 1966: 65). Em certa passagem, que não pode deixar de lembrar muito o livro de 1940, e que estaria em contradição com o que o próprio autor havia dito no início do seu texto mais novo, Coutinho afirma: “Mestiço brasileiro bem representativo, de alma, sangue e cultura, Machado não podia fugir à moldagem do meio em que nasceu e viveu, e por isso foi e é um escritor bem brasileiro” (Coutinho 1966: 37). Os traços do determinismo, que o autor vinha se esforçando por extirpar da nova crítica literária, pareciam insistir em permanecer vivos e atuantes.

4. É certo que o livro de 1960 vai muito além, em termos do que se propunha Coutinho, à época, quando defendia uma “crítica técnica, armada de instrumental de análise e pesquisa, de métodos de abordagem da estrutura intrínseca da obra” (Coutinho 1966: 111), do que se realizara no volume de 1940. Naquele, observa-se, como pano de fundo de todo o raciocínio, que tem em vista a apreciação da conquista definitiva da “técnica novelística” (Coutinho 1966: 26) de Machado de Assis, do “domínio pleno de seus recursos” (Coutinho 1966: 16), um esquema buscado em T. S. Eliot, citado pelo crítico, segundo o qual todo o grande escritor deve viver o conflito entre o seu “talento individual” e a tradição, entre a norma pessoal, que luta por se impor, e “a norma vigente” (Coutinho 1966: 17). O foco de Coutinho, em grande medida, seria a demonstração de “como o escritor brasileiro absorveu a tradição literária e conduziu-a a novas direções, mercê de uma aguda personalidade artística” (Coutinho 1966: 107).

O que acontece, todavia, é que este tipo de foco parece representar uma dificuldade para a realização plena de uma crítica tal como a que o autor tem em mente. Ele próprio afirma, ao final de *Machado de Assis na literatura brasileira*, na seção em que trata da fortuna crítica do romancista, ter sido “a crítica biográfica” a que melhor contribuíra para aquele tipo de demonstração, “manipulando a documentação disponível, conforme o princípio positivista da interpretação da obra através da vida do autor” (Coutinho 1966: 107). O problema, ao que tudo indica, estaria, justamente, na permanência da ideia de uma personalidade artística, expressão que, em Coutinho, estaria no mesmo campo semântico de outras, como “fisionomia espiritual” (Coutinho 1940: 62), que levariam a se pensar em uma norma que o artista “traz dentro de si” (Coutinho 1966: 17).

Em “Tradição e talento individual”, Eliot tinha o cuidado de levantar o problema sobre a ideia de personalidade, empenhando-se em combater, como ele dizia, um ponto de vista assentado na “teoria metafísica da unidade substancial da alma” (Eliot 1989: 45). Para o escritor norte-americano, “o que o poeta tem não é uma ‘personalidade’ a ser expressa, mas um médium particular, que é apenas um médium, e não uma personalidade, no qual impressões e experiências se associam em peculiares e inesperados caminhos”. (Eliot 1989: 45). Outro crítico, este brasileiro, contemporâneo de Coutinho, ao usar expressão semelhante à do último, “personalidade literária” (Candido 2009: 39), também tinha o cuidado de especificar do que se tratava. Antonio Candido, o crítico em questão, afirmava que não se deveria ter em vista “o perfil psicológico, mas o sistema de traços, intelectuais e morais que decorrem da análise da obra, e correspondem ou não à vida” (Candido 2009: 39). Por fim, o próprio Machado de Assis, em trecho que Coutinho menciona, ao falar do “credo estético” (Coutinho 1966: 89) que orientaria a crítica literária do romancista, demonstraria clareza semelhante ao dizer: “Estou mesmo certo de que, em geral, há alguma coisa do escritor nas suas obras capitais: muitas vezes as faces da criação são coradas com o próprio sentimento. Mas que vale isso aqui? Do alto destas páginas só conheço a obra e o escritor; o homem desaparece” (Coutinho 1966: 95).

Não se pode, certamente, afirmar que Afrânio Coutinho não tenha pensado na distinção que os autores acima apontam. O crítico reconhece, a partir do próprio Machado, que não pode deixar de existir uma diferença “entre arte e vida”, bem como ressalta “o dever que tem o artista de transfigurar a realidade” (Coutinho 1966: 96). É notável que grande parte do seu esforço se concentre em distinguir uma crítica em que prevalece “o moral e o social” de outra em que se destaca “o problema artístico” (Coutinho 1966: 110). Desde *A filosofia de Machado de Assis*, com efeito, Coutinho vinha demonstrando a vontade de se afastar de uma crítica moral, procurando ver o artista de modo objetivo, “como existiu realmente” (Coutinho 1940: 25).

No segundo livro, com mais clareza a respeito do que deveria ser o objeto da crítica literária, o autor ressalta sempre o interesse pelo “método” (Coutinho 1966: 23) de Machado, por seu “código estético” (Coutinho 1966: 90), constituído, para além das “influências literárias e filosóficas”, já discutidas no primeiro texto, por “elementos estruturais, temáticos, estilísticos”, pela “técnica” e pelas “ideias estéticas”

(Coutinho 1966: 104). Tudo leva a crer que a concentração no que chama de método poderia ser o que daria origem a uma leitura mais cerrada da obra literária, em sua autonomia. Acontece, entretanto, que tal método Coutinho ainda parece pensar como estando intimamente ligado ao campo do espírito, uma espécie de unidade ou matriz de que dependeria a criação artística, produto da conjugação de elementos como o “temperamento” e a “disciplina” (Coutinho 1966: 21).

Não seria fora de propósito lembrar que a crítica do autor nunca deixa de ser um tanto generalizante, não descendo aos pormenores de cada texto, isoladamente, como desejaria uma teoria mais ortodoxa do *close reading*, da leitura cerrada. Quando fala da obra de Machado, é toda ela que Coutinho tem em vista, não livros em particular, cujos processos merecessem uma atenção prolongada. Parece-me que talvez esteja aí a consequência mais grave do apego ao campo do “poder do espírito”, que levaria à vontade de explicação do seu “mistério” (Coutinho 1966: 9). Desta vontade, enfim, penso ainda não poder escapar o crítico, mantendo-se afiliado àquilo que ele mesmo havia chamado de humanismo cristão, o qual não deixaria de servir de esteio à sua atividade intelectual, para o bem e para o mal, ao longo de toda a vida.

OBRAS CITADAS

ASSIS, Machado de. 1938. “Litteratura brasileira: instinto de nacionalidade”. *Crítica litteraria*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson. 133-154.

CANDIDO, Antonio. 2009. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

COUTINHO, Afrânio. 1940. *A filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Vecchi.

_____. 1968. *Crítica e poética*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

_____. 1966. *Machado de Assis na literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José.

ELIOT. T. S. 1989. “Tradição e talento individual”. *Ensaio*. São Paulo: Art Editora. 37-48.

THE CRITICISM OF AFRÂNIO COUTINHO, FROM THEORY TO PRACTICE: THE CASE “MACHADO DE ASSIS”

ABSTRACT: My proposal is to conduct an analysis of the two main texts written by Afrânio Coutinho about Machado de Assis, noting how the author’s position changes, between one and another, as a result of acquiring an arsenal of new concepts about literary criticism. Concurrently with this analysis, I intend to highlight such concepts as well as their absence, indicating its importance for the renewal of the theories that Coutinho would defend in most part of his career.

KEYWORDS: Afrânio Coutinho; literary criticism; Machado de Assis.

Recebido em 29 de setembro de 2011; aprovado em 30 de dezembro de 2011.